

O confronto com o implacável: o sujeito em 4.48 *Psicose*, de Sarah Kane.

A construção do sujeito pós-moderno em detrimento do sujeito moderno evidencia um rápido processo de estruturação do ser, submetido ao capitalismo tardio. O sujeito crítico de Kant (1800) cede seu lugar ao sujeito neurótico de Freud (1900), que perdura até nossos dias, apesar de observarmos sua transformação no curso do novo estar-no-mundo que se estabelece com a contemporaneidade. Dufour (2005) afirma que o sujeito moderno Kantiano e Freudiano estão a morrer e um novo sujeito, resultante da fratura da modernidade e inserido num contexto sócio-histórico fragmentado, para o qual as narrativas de legitimação – religiosa e política – não funcionam mais, habita o mundo contemporâneo.

A pós-modernidade, conceito introduzido por Jean-François Lyotard (1979), revela a ideia de descentralização, vários novos jogos de linguagem e as novas complexidades que se impõem aos relacionamentos humanos. A instabilidade tempo-espacial criou condições para o pensamento fragmentado, vinculado a jogos opostos entre o local e o universal, a identidade e a diferença, o ser e o não ser.

As linguagens perdem suas fronteiras; do mesmo modo que se afirmam, negam-se completamente. Novas forças de criação fragmentárias, díspares, irregulares se confrontam, afirmam-se e se matizam ou não, dentro da complexa estrutura da pós-modernidade. Por isso as perspectivas para a interpretação do objeto artístico se ampliam, bem como seus processos de criação. Novos sentidos avultam diante dessas possibilidades interpretativas (construídas também fragmentariamente): “com o pós-modernismo, começamos a enfrentar e somos desafiados por uma arte de perspectiva variável, de dupla autoconsciência, de sentido local e amplo” (HUTCHEON, 1991, p. 29).

No contemporâneo novos circuitos pulsionais do desejo, ligados a uma nova simbolização, desafiam o sujeito e ele é transformado de acordo com sua capacidade de compreender a realidade, que pode ser de modo estilizado e pessoal.

Sendo a pulsão a força libidinal que uma necessidade somática funda (advindo daí o psíquico e desde aí perde-se o corpo biológico), ela necessita de um trabalho de ligação e simbolização, a fim de se inscrever no psiquismo e ter sua expressão. Ressaltamos, assim, o valor da experiência artística como mediadora da compreensão do sujeito que fala e transgride a impossibilidade de seu entendimento, mesmo que aquilo que é dito não sirva como elemento de cura, e, sim, como estabelecimento de uma tentativa de comunicação. Verificamos um autocentramento do sujeito, ao mesmo tempo em que é voltado para o exterior.

A obra teatral *Psicose 4.48*, da inglesa Sarah Kane, desafia de modo intenso os conceitos da dramaturgia contemporânea. Bastante inquietante, radical e pulsante, ele prescinde da escrita dramática para converter-se em *texto-espetacular*, tal sua força expressiva. Ao narrar o fluxo de consciência de um ser atormentado por seu inconsciente, sua vida e sua inadaptação ao real, Kane abate seu expectador, e insiste em apresentar o sofrimento como ele é - diante disso ficamos estarecidos e desamparados. Qual seria a captura da subjetividade contemporânea no registro do imaginário que propõe Sarah Kane?

Às 4:48
 Quando o desespero me visitar
 Enforco-me
 Ao som da respiração do meu amante
 Não quero morrer
 Fiquei tão deprimida com a consciência da minha
 Mortalidade que decidi suicidar-me
 Não quero viver
 (...)
 A sanidade encontra-se no centro da convulsão, onde a loucura é arrasada
 pela
 alma dividida.
 Conheço-me.
 Vejo-me.
 A minha vida apanhada na teia da razão
 tecida por um médico para aumentar a sanidade.
 Às 4:48
 vou dormir (KANE, 1998, p.316 - p.320).

Observamos um texto no qual grita uma posição subjetiva em sua dolorosa relação com o desvario, o descontrole do gozo e o trágico do desejo. A obra apresenta uma mulher, cuja imagem vinda do outro a aliena como sujeito, no *espelhamento do amor*. O outro, semelhante, sobre o qual se projetam suas demandas, apenas as remete de volta, descontrolando-a ainda mais; para aquela que fala não há escuta. A imagem, que retorna desse outro, reveste o sujeito e sustenta sua fantasia, sua identidade. Uma vez que essa imagem projetada sem freios não retorna como experiência e sim como reflexo quase puro, é instalado o confronto com o vazio, destruindo a identidade de quem fala. Kane revela sua relação com a linguagem, em seu modo particular de articular os registros do real, do simbólico e do imaginário – um inconsciente a céu aberto, sem freios. É-nos apresentado um teatro inquietante e arrasador, digamos assim, pós-moderno, envolvido numa estrutura textual única, sem seguir as regras estruturais da escrita dramatúrgica.

A presença de um corpo humano organiza o espaço visual da cena, a voz ocupa um lugar privilegiado, ela transforma-se no elemento destruidor do corpo como em: “pode alguém nascer no corpo errado?” (KANE, 1998, p.301). O fluxo das palavras e a imagens que sua elocução promove desconcertam o espectador, com a quantidade de signos emanados de forma ininterrupta e arrasadora. A ideia de um reconhecimento do corpo como

presente justifica uma participação material no mundo real, entretanto esse mesmo corpo é o ponto do conflito, pois sua materialidade psíquica é destrutiva e instável. O corpo passa a ser um objeto de representação do imaginário, sem, entretanto, corresponder ao desejo – sua existência é angustiante.

A autora formou-se em teatro na Universidade de Bristol especializando-se em Artes na Universidade de Birmingham; escreveu *Psicose 4.48* em uma de suas crises - foi internada por duas vezes em hospitais psiquiátricos. Essa, sua última e mais radical peça, apresenta uma narrativa densa, fragmentada, que evidencia uma mente transtornada e sem limites. Kane é uma das mais importantes dramaturgas da cena teatral contemporânea e numa obra crua, profunda e penetrante ela desafia a essência humana, apresentando o inconsciente sobre a céu aberto.

Psicose 4.48, da inglesa Sarah Kane, pode ser considerada um estudo da alma humana de um psicótico, relato das descidas e subidas ao inferno e da angústia que pode um sujeito sentir e viver – o percurso da angústia infinita. Observa-se que a fronteira do ficcional e do confessional abolem-se e transfiguram-se (transpassam-se) a todo o momento, entretanto nosso objetivo é o estudo do texto como material de análise da tentativa de comunicação de sua autora com o mundo real.

Psicose 4.48 estreou no Royal Court Jerwood Theatre Upstairs, Sloane Square, Londres, em 23 de junho de 2000, com encenação de James Madonald. Um sucesso, e o público estarrecido viveu o derramamento sobre o palco de um material psíquico que enfrenta o implacável, isto é, a morte. Ao narrar 'o tempo' anterior ao suicídio, Kane transfigura a dramaturgia e a si própria, apresenta-nos a possibilidade de reflexão sobre a angústia infinita que pode viver o ser na iminência desse ato de tamanha valentia e violência. Demonstra a capacidade da linguagem de inscrever o sujeito no mundo, embora ela nem sempre possa resolver a angústia desencadeada por sua estrutura psíquica, que instabiliza profundamente a existência do sujeito.

Ao escrever de si, de sua angústia infinita, a autora é estranha a si mesma, pois em idas e vindas afasta-se de seu sofrimento e o traduz em um texto teatral. Observamos múltiplos sujeitos discursivos que habitam sua obra, e tentam contribuir para a elaboração de seu sofrimento incontrolável – o trânsito entre o real e o imaginário destrói sua construção identitária, pois ela vive na fronteira do consciente/inconsciente, um ser instável sem percurso de memória psíquica.

O texto, como expressão direta das pulsões, é uma tentativa de organização externa, que se perde por estar num universo fusional, local em que o inconsciente é colocado sobre a mesa, em comunicações sem limites, confrontando no interior o universo do vazio, fragmentado e autístico numa paranoia inexpugnável. Muito da teoria lacaniana do

funcionamento do inconsciente foi concebida em grande parte a partir do estudo da psicose - a lógica do inconsciente, estruturado como linguagem.

Frente ao estado psicótico há uma tentativa desesperada do eu de se defender. Na psicose as moções pulsionais são confrontadas com um superego arcaico e aterrorizante - nenhum sistema interiorizado pode ser constituído. Na leitura lacaniana o superego seria o representante de um lado obscuro, traumático, louco, da lei que se sobreporia à sua faceta apaziguadora. Fato que podemos observar na obra em questão - narrativa fragmentada de elementos esparsos num *caldeirão fervilhante* de pulsões, superego sádico, vestígios de identificação. Analisamos que não há personagem louca, pois não há mais mundo e personagem, e sim a perda do quadro mental de referência.

Pretendemos, assim, abrir um caminho para reflexão de uma importante obra teatral do contemporâneo que aponta para a reconstrução de um sujeito singular através da arte, enquanto tenta buscar a comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTUCCI, Giovanna (org.). *Psicanálise Literatura e estéticas da subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

_____. Giovanna (org.). *Psicanálise, Arte e Estéticas da Subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

BERGERET, J. *Psicopatologia: Teoria e Clínica*. Tradução Francisco Settineri. 9 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUFOUR, Dany-Robert. *A Arte de reduzir cabeças*. Tradução Sandra Regina Figueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

EAGLETON, T. *As Ilusões do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FREUD, SIGMUND. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. ESB, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. Sigmund. *Repressão*. ESB, vol. XIV. : I Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. Sigmund. *O estranho*. ESB, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Sigmund. *Neurose e Psicose*. ESB, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HUTCHEON, L. *Poética do Pós-Modernismo*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: IMAGO, 1991.

KANE, Sarah. *Teatro Completo*. Tradução Pedro Marques. Porto: Campos Letras, 2001.

LACAN, Jacques. *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Livro II. RJ: Zahar, 1985

LYOTARD, J. F. *A Condição Pós-Moderna*. Tradução Carlo Irineu Costa. São Paulo: José Olympio, 1979.

NASIO, J.D. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. RJ: Zahar, 1993

_____. J.D. (org.). *Os Grandes casos de Psicose*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____.J.D. *Meu corpo e suas Imagens*. Tradução André Teles. Rio de Janeiro: Zahar,2009.

RAMOS, Maria Luiza (org.). *Interfaces: Literatura, Mito, Inconsciente, Cognição*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.